

EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA DE GÊNERO

Reimaginando a educação para um mundo mais justo e inclusivo

AGRADECIMENTOS

Esta publicação é subsidiada pela Plan International, pela Transform Education, pela Iniciativa das Nações Unidas para a Educação de Meninas (UNGEI) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

A publicação contou com o conhecimento e orientação de Olaoluwa Abagun, Sujata Bordoloi, Shiraz Chakera, Gloria Diamond, Antara Ganguli, Natasha Harris-Harb, Takudzwa Kanyangarara e Yona Nestel.

Agradecemos ao Grupo de Referências Técnicas por oferecerem percepções inestimáveis e comentários detalhados que vieram a moldar esta publicação. Em especial, gostaríamos de agradecer a: Helen Amdemikael Belachew, Nicole Bella, Rita Bissoonauth, Rosamund Ebdon, Erin Ganju, Tinotenda Hondo, Catherine Howgego, Madeleine Kennedy-Macfoy, Martha Muhwezi, Jenny Parkes, Lauren Rumble, Pauline Rose, Sagri Singh, Samyukta Subramanian, Wongani Taulo e Nani Zulminarni.

Também gostaríamos de agradecer as contribuições de jovens líderes de organizações de base por todo o mundo: Abel Koka, Adanna Ononiwu, Alinafe Malonje, Ashlee Burnett, Danqing Zhu, Dennis Glasgow, Elvita Trisnawati, Jona Turalde, Maryada Neupane, Maryjacob Okwuosa, Maya Onnel, Nafesha Richardson, Neelam Suwal, Pertulla Ezigha Ketcha, Pip Gardner, Riju Dakhel e Sushmita Neupane.

O relatório foi editado por Matthew Gibbs e diagramado por Roberto Rossi. O design das ilustrações foi criado por Sonaksha Iyengar.

Publicado pela Divisão de Programas da Seção de Educação da UNICEF.

3 United Nations Plaza New York, NY 10017

www.unicef.org/education

© Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) Novembro 2021

Foto da capa: © XXX [CASO SE APLIQUE]

Educação Transformadora de Gênero – Ilustração: © Sonaksha Iyengar (<https://sonaksha.com/>)

GLOSSÁRIO

Equidade de gênero é o processo de ser justo com mulheres, homens, meninas, meninos e minorias sexuais e de gênero. Para garantir isonomia, estratégias e medidas devem ser disponibilizadas com frequência para compensar as desvantagens históricas de mulheres, meninas e minorias sexuais e de gênero, que têm impedido que mulheres, homens, meninas, meninos e minorias sexuais e de gênero de operar em igualdade de condições. Equidade leva à igualdade.²⁰

Igualdade de gênero requer que mulheres, homens, meninas, meninos e minorias sexuais e de gênero se beneficiem de forma igualitária de bens de valor social, oportunidades, recursos e recompensas.²¹ Isso significa que todas as pessoas, independente do gênero, usufruem do mesmo status na sociedade; têm os mesmos garantias a todos os direitos humanos; dispõem do mesmo nível de respeito na comunidade; podem aproveitar as mesmas oportunidades de escolhas a respeito de suas vidas; e têm a mesma quantidade de poder para moldar os resultados dessas escolhas.²²

Identidade de gênero: Identidade de gênero se refere a como um indivíduo se sente em relação ao seu próprio gênero. Indivíduos podem se identificar como homem, mulher ou algo diverso, e sua identidade de gênero pode ou não coincidir com o sexo com o qual nasceram. Todos têm uma identidade de gênero e expressam seu gênero de maneira singular e pessoal.²³

Normas de gênero: Normas de gênero são expectativas ou regras informais, profundamente enraizadas e amplas, a respeito de como os gêneros devem se comportar. Cada sociedade tem normas de gênero distintas, vez que o gênero em si não é estável, mas o conceito das normas de gênero tem como núcleo a noção de relações de poderes e prestígio desiguais entre homens/meninos e mulheres/meninas ou pessoas de uma minoria sexual e de gênero.

Educação responsiva ao gênero: Identifica e discute as diferentes necessidades de meninas, meninos, mulheres e homens para promover resultados igualitários. Não busca corrigir desigualdades de gênero de forma explícita.

Sensível ao gênero: Mostra consciência das diferenças entre gêneros e desigualdades, mas não necessariamente as defronta.

Interseccionalidade é a perspectiva de que a identidade de uma pessoa é composta de fatores múltiplos e interseccionados, como idade, pobreza, classe, raça, etnia, casta, idioma, status migratório ou de deslocamento, status sorológico de HIV, deficiência, identidade de gênero e/ou orientação sexual, que se combinam tanto em seu benefício quanto em seu prejuízo, de forma que não podem ser separados.²⁴

Em toda a sua diversidade: O termo “em toda a sua diversidade” significa reconhecer, aceitar, celebrar e encontrar forças nas diferenças individuais como gênero, idade, nacionalidade, raça, etnia, capacidade, orientação sexual, situação socioeconômica, crenças religiosas, posicionamentos políticos ou outras ideologias. Para as partes interessadas, isso inclui respeitar tal diversidade e encontrar maneiras dar apoio à sua expressão positiva.

Estereótipo: Um estereótipo é uma ideia ou imagem ampla e estática de um tipo particular de pessoa ou objeto.

Abordagem de toda a escola: Uma abordagem de toda a escola é uma estratégia que considera a interconexão das escolas, comunidades e famílias para melhorar o ambiente escolar para estudantes, funcionários e membros da comunidade.

Imagine

se cada criança e jovem tivesse acesso a ferramentas, conhecimentos e recursos para desafiar o status quo e conquistar a igualdade de gênero desde cedo.

Imagine

se isso removesse barreiras ao aprendizado para todas as crianças de qualquer gênero e orientação sexual.

Imagine

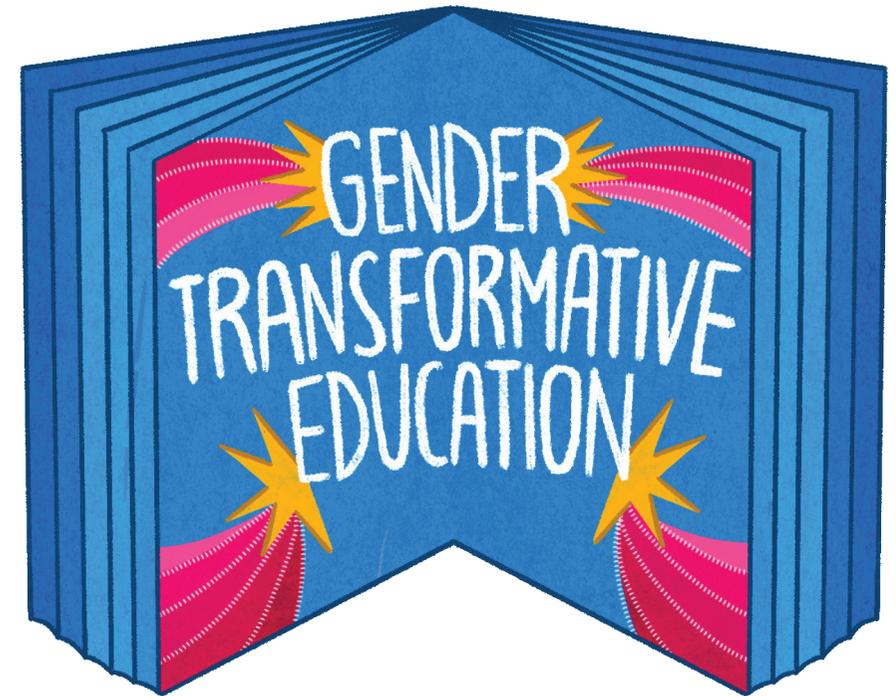
se isso ajudasse cada criança e jovem a explorar seus talentos.

Imagine

em que mundo diferente essas crianças viveriam hoje.

Imagine

o futuro que estariam criando para um planeta mais justo em relação a gênero, clima e sociedade.



INTRODUCCIÓN

A educação tem um poder transformador gigantesco.

Mesmo assim, o potencial dos sistemas educacionais de alcançarem a igualdade e equidade de gênero – e de cumprir sua promessa para com todas as crianças – não tem sido bem coordenado em país algum.

Muitos avanços foram alcançados. Nos últimos vinte e cinco anos, a paridade de gênero na educação decolou em todo o mundo. Entre 1995 e 2018, a porcentagem de países com paridade de gênero na educação aumentou de 56%

a 65% no ensino primário, de 45% a 51% no ensino secundário, e de 13% a 24% no ensino médio.¹ Mas a paridade é uma medida meramente superficial.



Todos têm o direito a uma educação inclusiva e de qualidade equitativa. Para alguns, esse direito é limitado

Em alguns países, livros didáticos incorporam normas de gênero de forma deliberada, retratando mulheres na cozinha ou meninas carregando água sobre a cabeça, e homens no escritório ou como médicos em hospitais.

Por que reforçar barreiras que impedem que uma pessoa jovem desenvolva suas habilidades? Por que arriscar perder a potencial contribuição de uma criança no futuro por ela não se encaixar nas normas de gênero predeterminadas?

pelas normas de gênero e expectativas construídas socialmente, sendo tão arbitrárias quanto discriminatórias. Acima de tudo, somos humanos.² O gênero de uma pessoa não deveria determinar como ela será tratada, e tampouco os serviços a que terá acesso. Sua própria humanidade deveria ser suficiente para garantir respeito e tratamento igualitário, além de investimento social e econômico.

Ainda há muito a ser feito para melhorar o acesso à educação de qualidade a todas as crianças em toda a sua diversidade no mundo todo. E ainda mais a ser feito para enfrentar normas de gênero que permeiam os sistemas educacionais e limitam oportunidades.

Meninas e mulheres são excluídas e discriminadas pelo simples fato de serem meninas e mulheres. Elas são marginalizadas nos sistemas educacionais por uma série de razões: priorização da educação de meninos em residências onde os recursos são escassos; desproporção do fardo das responsabilidades domésticas; casamento precoce e forçado; gravidez na adolescência e maternidade

precoce; e ambientes de aprendizado inseguros, incluindo falta de instalações sanitárias para meninas³ ou risco de violência de gênero dentro e ao redor dos espaços educacionais. Conflitos agravam vulnerabilidades – a gravidez na adolescência pode aumentar em até 65% durante uma emergência e cerca de 54% das meninas^{4,5} que não frequentam escola no mundo estão em países afetados por crises.⁶

Meninos e homens também são afetados pelas normas de gênero, restringidos pelas normas de masculinidade.

Logo no início da adolescência, meninos podem começar a se deparar com expectativas de que se tornem fontes de rendimento ou de que se juntem a grupos armados, por exemplo. Ou podem obedecer às normas sociais que os levam ao abandono da escola e à perpetuação de violência contra meninas.⁷ Encontrar meios de quebrar o domínio patriarcal é tão benéfico aos meninos quanto às meninas.⁸ No que tange ao ensino e aprendizado de normas de gênero positivas, se não incluirmos os meninos o problema se tornará maior.⁹

Normas de gênero reforçam estereótipos do que se espera que crianças e jovens se tornem – e como se espera que se comportem e se definam.

Crianças e jovens que não se identificam dentro dos limites das normas tradicionais de gênero e orientação sexual

enfrentam a tarefa difícil e por vezes angustiante de se adequar aos padrões. As normas de gênero e as relações de poder limitam – e tentam moldar – crianças e jovens

Pesquisas mostram que espaços verbais e físicos nas escolas são marcados por gênero, como meninos terem a tendência de dominar o parquinho, com apoio dos professores. Meninas e crianças LGBTQI talvez tenham dificuldades em navegar tais espaços. Não raro espera-se que fiquem em plano de fundo, sem se envolverem com brincadeiras, esportes ou posições de liderança.ⁱ

antes mesmo que tenham tido a chance de explorar seus dons, habilidades e preferências individuais, que com frequência não se encaixam dentro das normas de gênero tradicionais.

Além disso, formas de discriminação geralmente se interseccionam. A maioria das pessoas que vivenciam desigualdade também vivenciam injustiça e exclusão em diversas frentes: pobreza, classe, raça, etnia, casta, idioma, status de migração ou de deslocamento, status sorológico de HIV, deficiência, identidade de gênero e/ou orientação sexual. Essa interseccionalidade intensifica e amplifica vulnerabilidades.¹⁰

A marginalização e a discriminação – e a exclusão e a vulnerabilidade que causam – continuarão em um ciclo intergeracional se não tomarmos uma atitude. De fato, **sem um foco mais profundo em mudanças transformadoras na**

Em alguns países, não se permite que meninas adolescentes que tenham tido filhos frequentem a escola, mas se permite que meninos adolescentes que sejam pais continuem sua educação. ⁱⁱ

maneira que educamos, os ganhos mencionados acima serão facilmente reversíveis. Como a crise da COVID-19 nos mostrou, o progresso é frágil. E o crescente risco das mudanças climáticas ameaça exacerbar desigualdades em todos os âmbitos, inclusive na educação.

Enfrentar as normas de gênero é extremamente desafiador, vez que elas estão enraizadas em cada aspecto da sociedade. De fato, os próprios sistemas educacionais não raro refletem e perpetuam as atuais normas de gênero e relações de poder nocivas por meio das práticas de ensino, currículos e material didático.

Mas o potencial da educação é irrefutável. Algumas das influências mais importantes às crianças e jovens estão nos espaços escolares. Fora do lar, a escola é o coração da socialização e um espaço onde jovens são expostos aos exemplos a serem seguidos. É onde as crianças aprendem a respeito do mundo, e seus próprios interesses e suas capacidades. A educação pode reforçar normas existentes ou desafiá-las e transformá-las, não apenas para as crianças, mas para seus pais, comunidades e

nações. Afinal, crianças vão para casa depois da escola e conversam a respeito do que aprenderam.¹¹

Para alcançar tal potencial, precisamos que os sistemas educacionais se tornem “**transformadores de gênero**”. Isso deve começar logo na primeira infância, quando ideias a respeito de identidade e expressão de gênero começam a se formar.

A Educação Transformadora de Gênero diz respeito à educação inclusiva, equitativa e de qualidade (ODS 4, em especial meta 4.7) e nutrindo um ambiente de justiça de gênero para crianças, adolescentes e jovens em toda a sua diversidade (ODS 5, em especial meta 5.1). A Educação Transformadora de Gênero removeria obstáculos à educação e estimularia o progresso rumo a mudanças sociais importantes, como a redução da violência de gênero e casamentos precoces, aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, promoção da igualdade de gênero, e a liderança de mulheres e meninas em posições tomadoras de decisões.¹³

A Educação Transformadora de Gênero faz sentido para crianças e jovens em toda a sua diversidade, assim como para as comunidades e economias. **Educar meninas ao mesmo nível dos meninos pode beneficiar países em desenvolvimento em pelo menos US\$ 112 bilhões por ano, aproximadamente.**¹² Ainda, impulsionar a igualdade de gênero pode contribuir com o crescimento global em US\$ 12 trilhões.

Um estudo sobre programas de educação sexual e HIV em países desenvolvidos e em desenvolvimento mostrou que programas que tratavam de gênero ou poder tinham cinco vezes mais chances de serem eficazes do que aqueles que não tratavam de tais temas. Um total de 80% dos programas foram associados a uma taxa consideravelmente inferior de DSTs ou gestações não desejadas.ⁱⁱⁱ

Em outras palavras, priorizar a igualdade de gênero na educação tem o potencial de transformar sociedades e trazer justiça de gênero, climática, econômica e social.

As abordagens atuais adotadas pela comunidade educacional em relação à igualdade de gênero nos trouxeram avanços. **A educação sensível ao gênero** reconhece as diferenças existentes entre os gêneros. **Já a educação responsiva ao gênero** vai além, explorando de forma ativa meios de abordar desigualdades e reduzir normas de gênero e práticas nocivas. Ambas as abordagens oferecem ferramentas essenciais em educação, mas funcionam dentro do sistema vigente; ou seja, elas tratam os sintomas e não a causa. As normas de gênero e as relações de poder devem ser desconstruídas para fazer de fato alguma diferença nas oportunidades para todas as crianças e jovens em toda a sua diversidade.

A Educação Transformadora de Gênero transforma sistemas educacionais por completo, desenraizando desigualdades.¹⁴

Isso reivindica nada mais que uma redefinição da maneira como lidamos com a educação.



O QUE É EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA DE GÊNERO?

A Educação Transformadora de Gênero busca utilizar todas as partes de um sistema educacional – de políticas a pedagogias a reuniões comunitárias – para mudar estereótipos, atitudes, normas e práticas, desafiando relações de poder, repensando normas de gênero e binárias, e trazendo consciência crítica a respeito das causas principais da desigualdade e dos sistemas de opressão.

A Educação Transformadora de Gênero age além do simples melhoramento do acesso à educação para meninas e mulheres, equipando e empoderando as partes interessadas – estudantes, professores e professoras, comunidades e formuladores de políticas – para que examinem, desafiem e mudem normas de gênero nocivas e desequilíbrios de poder que beneficiem meninos e homens em detrimento de meninas, mulheres, e pessoas de outros gêneros.

Assim, com uma abordagem transformadora de gênero, os sistemas educacionais são equitativos, inclusivos e inofensivos. Em tais sistemas, todos estão seguros e em igualdade de condições; meninos não são favorecidos



em detrimento das meninas, e tampouco são as meninas removidas da escola para trabalhar no lar. Crianças e jovens que não se identifiquem com os gêneros binários tradicionais não são discriminados. Crianças e jovens são livres para desafiar as normas sem sequer pensar duas vezes. São respeitados e aprendem a respeitar as diferenças, a diversidade e uns aos outros. Podem aspirar aos melhores resultados educacionais, independente de seus gêneros. **A Educação Transformadora de Gênero amplia suas opções de vida e oportunidades, levando à saúde, participação social e política, e oportunidades de trabalho e emprego.**¹⁵

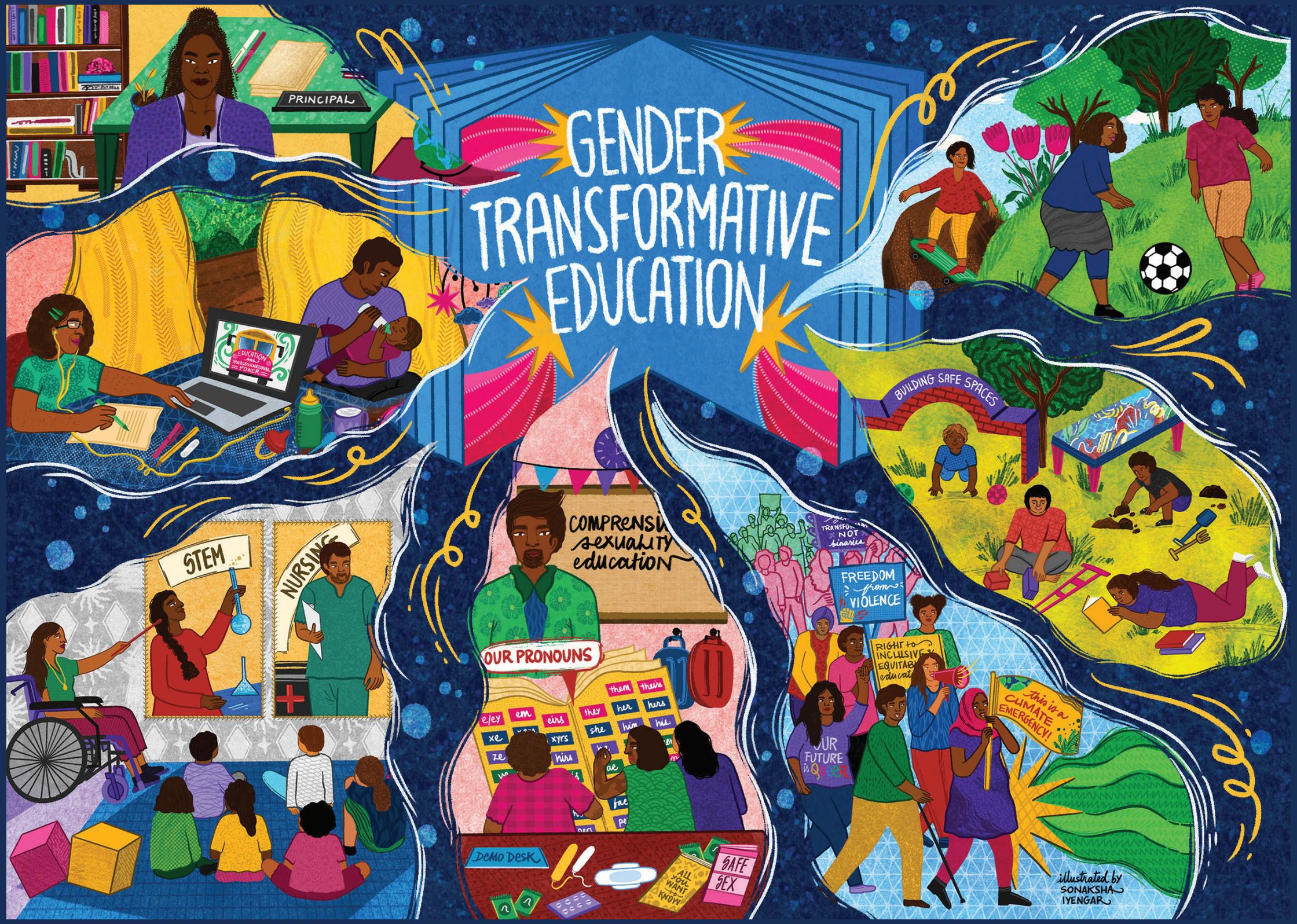
Note a ênfase nos sistemas, não apenas nas escolas: políticas, administração, coleta de dados e comunidades. Ademais, tal abordagem trata de todos os níveis de educação e todas as formas de aprendizado para criança e jovens: centros de educação infantil, escolas, universidades e faculdades, salas de aula virtuais e centros profissionalizantes. Também inclui trajetórias múltiplas e flexíveis para crianças e jovens



marginalizados, com opções limitadas, como meninas adolescentes que tenham abandonado os estudos em razão de uma gestação, mas que ainda gostariam de aprender. O cenário específico não importa; o que importa é a educação. A Educação Transformadora de Gênero se aplica em todos os contextos ao destravar o verdadeiro potencial das crianças em toda a sua diversidade.

E ao passo que os ambientes escolares sejam locais essenciais para a Educação Transformadora de Gênero, eles não conseguem mudar normas de gênero e relações de poder de forma independente. Tratar as estruturas sociais que causam discriminação e desigualdade significa ir além da sala de aula, até as comunidades onde as crianças vivem.¹⁶ Precisamos ampliar percepções.¹⁷ Gênero é uma construção social que pode ser reimaginada por indivíduos e instituições. Se isso acontecer, terão o poder de ser transformadores.

GENDER TRANSFORMATIVE EDUCATION



PRINCIPAL

STEM

NURSING

COMPRENSIVE sexuality education

OUR PRONOUNS

BUILDING SAFE SPACES

FREEDOM from VIOLENCE

RIGHT to INCLUSIVE & EQUITABLE education

This is a CLIMATE EMERGENCY!

OUR FUTURE is GAY

SAFE SEX

illustrated by SONAKSHA IVENGAR

COMO PODEMOS AVANÇAR RUMO À EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA DE GÊNERO?

ATUANDO COM PROPÓSITO.

Sem estimativas, sem palavras vãs, sem tokenismo. A Educação Transformadora de Gênero requer estratégias e programas que desafiem propositalmente as desigualdades nos papéis de gênero e nas dinâmicas de poder, tanto no sistema educacional quanto nas comunidades. Considerando as causas complexas da desigualdade de gênero, terão maior impacto abordagens multisetoriais operando em todos os níveis com todas as partes interessadas. É preciso questionar: quais são os pontos que afetam as crianças e jovens em razão de gênero? Como podemos enfrentá-los?¹⁸ Quais interseccionalidades se aplicam?

A Educação Transformadora de Gênero pode ser alcançada por meio de um conjunto de ação em todos os níveis. Mesmo pequenos esforços no momento podem abrir espaços para diálogo e participação, e criar oportunidades de discutir as relações de poder. O mais importante é que nosso propósito seja mantido. Os pontos a seguir oferecem ideias e estratégias robustas a serem seguidas pelas partes interessadas:



1. TRANSFORMAR POLÍTICAS E ENGAJAMENTO POLÍTICO

Estruturas de poder precisam de liderança no topo para que sejam transformadas. **Líderes políticos** – ministros, parlamentares, servidores públicos e chefes de estado – devem se comprometer à Educação Transformadora de Gênero – e serem fiscalizados para que façam progresso. Isso começa com o aumento de **investimento em abordagens e soluções, amparadas por evidências**, que tenham igualdade de gênero e educação inclusiva como objetivo primário na educação formal e não formal. Líderes devem colocar a **igualdade de gênero no centro dos planos, orçamentos e políticas setoriais de educação**. Isso poderia começar com a abordagem dos Planos Setoriais de Educação Responsiva ao Gênero (GRESP), que inclui alocar recursos da educação pública em benefício das crianças mais marginalizadas e priorizar as áreas do país com as maiores desigualdades de gênero da pré-escola ao fundamental, com baixos números de professoras mulheres e alta prevalência de violência de gênero nas comunidades. Por fim, os próprios líderes devem promover os cargos de liderança nos sistemas educacionais às pessoas marginalizadas em razão das normas de gênero.



GRESP: TORNANDO TRANSFORMADOR O MODELO EDUCACIONAL DE UM PAÍS.

Os Planos Setoriais de Educação Responsiva ao Gênero (GRESP) são a ferramenta para implantar a igualdade de gênero no plano setorial de educação de um país. O GRESP guia os Ministérios da Educação e seus parceiros na identificação de barreiras de gênero nos sistemas educacionais e estabelece estratégias e políticas para enfrentá-las – na sala de aula, na formação e prática dos professores, no desenvolvimento de programas e materiais didáticos, e na liderança e administração. A Iniciativa das Nações Unidas para a Educação de Meninas (UNGEI) e seus parceiros, incluindo Campanha da Rede Africana para Educação para Todos (ANCEFA), Centro Internacional da União Africana para a Educação de Meninas e Mulheres na África (AU/CIEFFA), Fórum para Mulheres Educadoras Africanas (FAWE), a Aliança Global para a Educação (GPE), Instituto Internacional de Planejamento Educacional (IIEP-UNESCO), Plan Internacional e UNICEF, até o momento, lideraram oficinas nacionais e regionais do GRESP voltadas para formação de partes interessadas em 28 países por toda a África e Ásia. Os participantes aprendem como o GRESP é aplicado, para transformar sistemas nacionais em todos os estágios do planejamento.

2. TRANSFORMAR A PEDAGOGIA

Professores e professoras são os pilares de um sistema educacional. Seu papel como educadores os caracteriza como agentes de mudança e exemplos a serem seguidos pelas crianças. Para que possam aproveitar o máximo desses papéis, as escolas precisam de:

- Treinamento de professores em como **promover igualdade de gênero de forma ativa em suas práticas de ensino**. Professores precisam ser capazes de examinar seus próprios preconceitos de gênero, e identificar e **desafiar desigualdades na sala de aula**. Em vez de aceitar um ambiente de aprendizado que reflete discriminação na sociedade em geral, eles podem promover um ambiente que a desafia.
- **Currículos reformulados**, incluindo módulos transformadores de gênero e materiais de ensino e aprendizado.
- **Aprendizado por pares de professor para professor** e troca de mecanismos, por meio das quais os professores possam aprender uns com os outros, compartilhar experiências e apoiar uns aos outros em seus esforços para aprofundar práticas transformadoras em sala de aula.

FÓRUM PARA MULHERES EDUCADORAS AFRICANAS (FAWE), UNICEF, UNESCO E INICIATIVA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO DAS MENINAS (UNGEI): PEDAGOGIA RESPONSIVA AO GÊNERO (GRP)

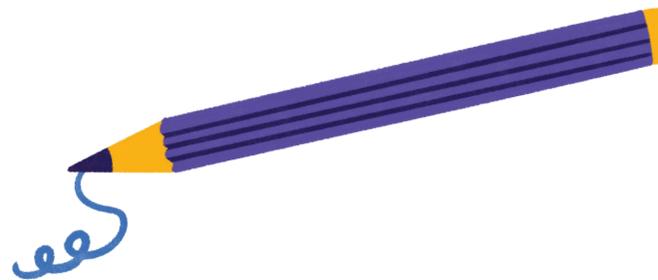
Este conjunto de ferramentas é direcionado a professores e professoras e todos os profissionais associados aos estudantes. O modelo GRP treina professores e professoras a serem mais conscientes a respeito de gênero, e os equipa com as habilidades para compreender e lidar com as necessidades de aprendizado específicas de todos os gêneros. Ele desenvolve práticas de ensino que engendram tratamento igualitário e participação de meninas e meninos em sala de aula, bem como na comunidade escolar em geral. É um guia prático, podendo ser adaptado a qualquer contexto, sendo também um recurso útil para pesquisadores, comitês de pais e professores e órgãos governamentais, organizações da sociedade civil, líderes da comunidade e formadores de políticas educacionais.

NEPAL: DESAFIANDO MATERIAL MARCADO POR GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS

Após uma revisão da representação de gênero nos livros didáticos em 1999, o governo do Nepal iniciou um processo de mudança. Como ponto inicial, um manual de estilo foi introduzido para esboçar materiais de ensino e aprendizado responsivos ao gênero, exigindo que livros didáticos representassem homens e mulheres de maneira parecida entre si. Palavras marcadas por gênero (como headmaster, chairman e salesman) deveriam ser substituídas por palavras neutras (como principal, chairperson e salesperson). Para ajudar a monitorar a implementação, uma diretriz de 2007 estabeleceu um processo de revisão de materiais a cada cinco anos, e reforma de materiais a cada dez anos.

UGANDA: AÇÃO DOS PROFESSORES PARA MENINAS (TAG), UNIÃO NACIONAL DOS PROFESSORES DA UGANDA

As oficinas intensivas em serviço da TAG oferecem aos professores o conhecimento, compreensão, habilidades e recursos para melhorar a experiência das meninas na escola, bem como sua própria eficácia em sala de aula, por meio do qual os professores podem desafiar estereótipos e seus próprios preconceitos. Por meio da abordagem da TAG, a segurança e as oportunidades igualitárias para as meninas é tratada como uma responsabilidade profissional de um professor. A comunidade é conscientizada ao final das oficinas com marchas e comícios, liderados pelos participantes. Alguns distritos relataram que as meninas estão usufruindo de maior segurança e uma experiência escolar mais positiva, com escolas relatando aumento nas matrículas de meninas.



3. TRANSFORMAR O AMBIENTE ESCOLAR

Acima de tudo, crianças e jovens de todos os gêneros devem se sentir seguros em seus ambientes de aprendizado – na escola e online. Isso requer:

- Adoção de **uma abordagem de toda a escola que torne as escolas espaços seguros** para todos os estudantes, independente da identidade gênero, expressão de gênero e/ou orientação sexual. Regulamentos escolares e códigos de conduta dos professores devem incluir ações para prevenir violência de gênero relacionada às escolas. Devem também identificar e emendar regras e práticas marcadas por gênero, como o uso de uniformes (permitir que crianças em toda a sua diversidade vistam o uniforme que sentirem adequados à sua identidade) ou divisão de funções escolares e formas de disciplina marcadas por gênero.
- Relacionar educação **com saúde e serviços de proteção responsivos ao gênero**. Derrubar complexas barreiras de gênero à educação requer investimentos e intervenções coordenadas entre setores – como água, saneamento e higiene, proteção infantil e social, violência de gênero, educação sexual compreensiva (incluindo sexualidade), e saúde e direitos reprodutivos.

- Expor crianças e jovens à ampla uma representação de professores, incluindo **professores de grupos minoritários** – mulheres, deficientes, LGBTQI, minorias étnicas ou grupos racializados – como educadores e exemplos a serem seguidos com amplas de visões de mundo.



ZIMBÁBUE: EXPERIMENTO DE PREVENÇÃO CONTRA VIOLÊNCIA DE GÊNERO RELACIONADA ÀS ESCOLAS.

(SRGBV) – uma abordagem de toda a escola. (Fórum para Mulheres Educadoras Africanas (FAWE), MiskeWitt and Associates International e Iniciativa das Nações Unidas para a Educação de Meninas – UNGEI). O experimento foi focado em identificar e tratar de crenças, atitudes e práticas marcadas por gênero em situações de violência. As descobertas a respeito da integração dos padrões mínimos foram compartilhados na Análise Setorial da Educação do Zimbábue, informando a resposta do plano setorial de educação à violência de gênero relacionada às escolas nas escolas do Zimbábue.

ARGENTINA: SALAS DE AULA PARA ADOLESCENTES GESTANTES/ COM FILHO(S).

Se tornar pai ou mãe, ou cuidar de irmãos mais novos é uma das razões pelas quais 1 a cada 2 adolescentes não conseguem completar o ensino médio na Argentina. Para que possam terminar seus estudos, governos das províncias na Argentina estão abrindo “Salas Maternidade” em escolas de ensino médio. Trabalhando com professores treinados, as estudantes seguem o currículo e têm acesso a recursos e espaço para discutir questões relacionadas à primeira infância, sexualidade e normas de gênero. Seus filhos – com idades entre 45 dias e dois anos – participam de sessões de desenvolvimento da primeira infância, nas Salas Maternidade. Isso derruba uma barreira para meninas, enquanto dá início ao desenvolvimento do filho ou filha, ajudando a quebrar o ciclo de desigualdade.

SERRA LEOA: PROGRAMA GLOBAL PARA ACABAR COM O CASAMENTO INFANTIL (UNFPA E UNICEF).⁴

Este programa multisetorial tem adotado diversas estratégias e intervenções para prevenir o casamento infantil e empoderar meninas e jovens mulheres. Além da essencial comunicação em reuniões comunitárias, o programa empodera adolescentes com saúde sexual e reprodutiva, habilidades para a vida, instrução financeira e habilidades para geração de renda. Em 2019, a Serra Leoa desenvolveu um roteiro para a implementação da educação sexual compreensiva (CSE), que inclui a integração da CSE ao currículo nacional.



4. TRANSFORMAR A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

Escutar as vozes das crianças e jovens, incluindo-as na tomada de decisões com governos locais e nas comunidades, e assegurando sua participação no nível de formular políticas. Por exemplo, em questões como tráfico de pessoas, ou mutilação genital feminina. **Meninas e jovens precisam de oportunidades para construir suas habilidades e confiança** para desafiar a desigualdade de gênero e atos de violência e exploração, quando ocorrerem. Para meninas e jovens mulheres, isso pode se estender à criação de oportunidades para profissionalização técnica que poderia levar à participação ativa na economia e prevenir exploração econômica. Para meninos e homens jovens, isso inclui aprender que expressões de masculinidade não precisam reprimir meninas e mulheres, e como eles podem participar igualmente e se beneficiar da promoção igualdade de gênero. Ainda, considerando que crianças e jovens marginalizados em razão das normas de gênero têm oportunidades muito limitadas de se fazerem ouvidos, devem ser criadas divulgações específicas e opções de participação. Todas essas mudanças requerem sistemas de apoio em casa e na comunidade.

RUPANTARAN NO NEPAL

Rapantaran significa “transformação” nepalês. Esse programa ajuda meninas a encontrarem sua voz e a exercerem sua influência. O núcleo do treinamento são as habilidade sociais e financeiras para meninas adolescentes. Participantes relatam que ao fim dos nove meses de curso se sentem mais confiantes, bem-informadas e entusiasmadas com a educação. Essencialmente, o programa é acompanhado por uma versão adulta, ajudando a mudar o pensamento dos pais e tutores a respeito da educação das meninas, e facilitando a criação de um ambiente seguro, protetivo e permissivo para meninas adolescentes. Um sistema de relatórios baseado na web está sendo desenvolvido para ajudar a ajustar o programa e seus progressos.

CAMPEÕES DA MUDANÇA

A Campeões da Mudança pelos Direitos das Meninas e Igualdade de Gênero promove a igualdade de gênero e mudança das normas sociais por meio de engajamento jovem e mobilização entre pares (peer-to-peer). O programa, desenvolvido pela Plan International, inclui atividades adaptáveis para adolescentes, que encorajam meninas e meninos a melhorar seus conhecimentos, atitudes e habilidades, por meio de um currículo separado, mas inter-relacionado. A jornada da mudança para as meninas é focada em empoderamento, auto-estima, e conscientização sobre direitos. A jornada dos meninos é focada em desconstruir masculinidades dominantes, nocivas e restritivas, e como meninos podem apoiar os direitos das meninas e a justiça de gênero para todos. Atualmente, o programa está ativo em 41 países.

5. TRANSFORMAR A LIDERANÇA DA COMUNIDADE

Escolas são espaços fundamentais à mudança, mas as crianças ainda vão para casa depois da aula. Elas também aprendem com as pessoas no lar e na vizinhança.¹⁹ Para que qualquer transformação real ocorra, é preciso se apoderar do processo de desafiar e transformar normas de gênero e estereótipos nocivos e discriminatórios. Organizações de base, em especial organizações de direitos das mulheres e meninas, frequentemente conhecem e compreendem as normas e práticas restritivas predominantes. Elas precisam de apoio com ferramentas e recursos de comunicação para mudanças sociais e comportamentais, para se reunirem com pais e estruturas comunitárias, incluindo líderes tradicionais e religiosos, comitês de administração da escola e comitês de pais e professores. Todas essas instituições comunitárias têm um papel demasiado importante na socialização das crianças para ainda terem um posicionamento crítico direcionados a normas de gênero nocivas e discriminatórias. Isso é parte da perpétua Educação Transformadora de Gênero.

ÍNDIA: SWEVKAR – OS PAIS ARCO-ÍRIS

Em 2017, alguns pais de crianças LGBTQI formaram um grupo de apoio para acolher as identidades diversas de seus filhos e filhas. Com o tempo, o grupo iniciou oficinas informais para dar apoio a outros pais na Índia e à diáspora que sofre com a aceitação da identidade dos filhos pela família. O Sweekar foi expandido, utilizando agora reuniões via mídias, festivais de cinema, reuniões de aceitação e outros eventos comunitários para dissipar o preconceito contra crianças LGBTQI dentro de suas próprias famílias e em outros espaços – incluindo escolas. Como um primeiro e essencial passo rumo à real inclusão nas comunidades, o Sweekar viabiliza que pais compartilhem suas histórias de aceitação das identidades diversas de seus filhos em suas comunidades.



6. TRANSFORMAR O ENGAJAMENTO DAS PARTES INTERESSADAS

Fortalecer parcerias institucionais entre governo, sociedade civil, movimentos de base de jovens e de mulheres e o setor privado, e dentro do governo, nos ministérios. **Mudanças estruturais**, especialmente em nível institucional, requerem parcerias ousadas para revisar e reformar processos que levam à exclusão motivada pelo gênero. É preciso agir para conectar **educação aos pontos de entrada do mercado de trabalho** para tratar discriminação de gênero, incluindo programas de mentoria para crianças e jovens. Além de ajudar o processo de transição da escola para o ambiente de trabalho, isso exporia as crianças e jovens às opções de emprego que não são restringidas por estereótipos de gênero.



NIGÉRIA: INICIATIVA DE EMPODERAMENTO KINDLE ÁFRICA)

Em Makoko, uma comunidade de favela urbana localizada na lagoa Lagos, meninos ganham dinheiro dirigindo barcos. Mas meninas são geralmente limitadas a ajudar suas famílias com vendas triviais na lagoa. Meninas engravidam ou têm casamentos arranjados cedo, perpetuando o ciclo de pobreza e ausência de empoderamento. Em 2016, a Kindle África recrutou líderes tradicionais, líderes religiosos e voluntários da comunidade, treinando-os em técnicas de mudança comportamental para que pudesse conversar com famílias a respeito da necessidade da educação para meninas, e encorajá-las a buscar treinamentos de aptidões profissionalizantes. Isso abre oportunidades para meninas, expondo-as a uma ampla gama de aptidões, desde produção têxtil até fabricação de sapatos e cabeleireiros.

ZAMBIA GIRLS 2030

Batizado para o Vision 2030 na Zâmbia, Zambia Girls 2030 auxilia meninas vulneráveis na transição do ensino fundamental ao médio, e do ensino médio ao ensino superior, ensino técnico/profissionalizante, ou ambiente de trabalho. O programa inclui: carreira escolar e clubes de aptidões (5ª série do fundamental à 3ª série do ensino médio), ensino de saúde sexual e reprodutiva, instrução financeira e aconselhamento de carreira; carreiras distritais e colônias de aptidões (8ª e 9ª série do fundamental) para que meninas trabalhem com mentores; e um programa de estágio (1ª ao 3ª série do ensino médio) para que meninas trabalhem em uma vaga de trabalho por duas semanas, durante as férias escolares. No começo de 2021, o programa funcionava em 150 escolas com 5.560 meninas em clubes escolares, 256 meninas frequentando colônias de carreira e 50 colocações em estágios. O programa é mantido pelo Ministério Geral da Educação com a UNICEF e a Restless Development.

7. T7. TRANSFORMAR GERAÇÃO DE DADOS

As estratégias e pacotes de intervenção da Educação Transformadora de Gênero devem ser promovidos por perspectiva sutil dos papéis e normas de gênero, e as relações de poderes subjacentes específicas ao contexto local. Tal processo requer:

- Uma **auditoria de intervenções existentes pela Educação Transformadora de Gênero**, para ajudar na compreensão do que funciona, o que não funciona e como expandir estratégias e pacotes de intervenção exequíveis. Tais dados podem ser utilizados na militância pelo investimento sustentável.
- Uma mudança em **como vemos e medimos progresso**. Isso requererá agir além da avaliação de resultados do aprendizado e dos indicadores atuais de igualdade de gênero, medindo também mudanças nas normas de gênero e atitudes nas escolas e na comunidade. Por exemplo, monitorar as mudanças na influência individual das meninas ou monitorar as percepções da comunidade a respeito de aceitação de violência de gênero, não apenas relatando taxas de alfabetização.
- **Líderes dentro dos sistemas educacionais equipados a aplicar análise de gênero**, e compreender e desvendar a desigualdade de gênero e como ela se manifesta no sistema educacional.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: MOBILIZANDO FORMULADORES DE POLÍTICAS COM DADOS

Um estudo de 2020 realizado pela UNICEF mostrou que 7 a cada 10 estudantes, com 12 a 18 anos de idade, sofrem violência verbal ou psicológica na escola ou online. 4 a cada 10 estudantes foram alvo de violência física, e 3 a cada 10 foram vítimas de violência sexual. O Governo usou este estudo para promover um roteiro para lidar com a violência, incluindo violência de gênero, nas escolas. Além disso, o Governo, com o apoio da UNICEF e UNFPA, estabeleceu um comitê técnico multissetorial com ministérios-chave para coordenar e monitorar a implementação. Como ponto de partida, departamentos do governo organizaram campanhas de prevenção em escolas durante 16 dias dedicados ao ativismo.

MUDANDO AS MEDIDAS DA IGUALDADE DE GÊNERO

A Prestação de Contas para Igualdade de Gênero na Educação (AGEE) está trabalhando no desenvolvimento de estruturas de indicadores que olham além da paridade numérica, e tentam medir a igualdade de gênero de forma mais ampla, na educação e por meio dela, a serem utilizadas a nível nacional e internacional.

A AÇÃO COMEÇA AGORA

Explorar o poder transformador da educação para alcançar a igualdade de gênero e aumentar a justiça social é mais urgente do que nunca. Nossa reconstrução melhorada após a pandemia requer que otimizemos os dons e talentos de todas as crianças e jovens – e que asseguremos que ninguém fique de fora. Nossa reconstrução significa reconstruir em igualdade.

A implementação da Educação Transformadora de Gênero é uma jornada gradual e complexa – e precisa começar agora. **Todos e todas são agentes de mudança** e todas as partes interessadas devem se comprometer a utilizar este documento e outros recursos para começar uma jornada de Educação Transformadora de Gênero. Governos, comunidades, escolas, doadores e outros parceiros devem começar se comprometendo com a mudança; se comprometendo à transformação positiva das vidas de todas as crianças e jovens.

Juntos, devemos **quebrar** barreiras, desconstruir normas nocivas, desafiar relações de poder e sistemas de opressão e **construir** normas baseadas em igualdade, respeito e inclusão – para que crianças e jovens encontrem degraus a subir, e não obstáculos a saltar.

Declare sua intenção de realizar mudanças transformadoras; de reimaginar a educação para um mundo mais justo e inclusivo.



Endnotes

- i Dunne, Máiréad, "Gender, sexuality and schooling: Everyday life in junior secondary schools in Botswana and Ghana," *International Journal of Educational Development* 27 (2007) 499–511, p. 500.
- ii. Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- iii. Haberland, Nicole, A., "The Case for Addressing Gender and Power in Sexuality and HIV Education: A Comprehensive Review of Evaluation Studies," *International Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, Volume 41, Issue 1, p. 31-42, March 2015, Guttmacher Institute, <https://www.guttmacher.org/sites/default/files/article_files/4103115_0.pdf>
- 1 UNESCO. 2020. Global Education Monitoring Report – Gender Report: A new generation: 25 years of efforts for gender equality in education. Paris, UNESCO. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374514/PDF/374514eng.pdf.multi>
- 2 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 3 <https://www.educ.cam.ac.uk/centres/real/downloads/Platform%20for%20Girls/REAL%2012%20Years%20of%20Quality%20Education%20for%20All%20Girls%20FULL%2084pp.pdf>
- 4 Kwauk, C., Cooke, J., Hara, E., & Pegram, J. (2019). Girls' education in climate strategies: Opportunities for improved policy and enhanced action in nationally determined contributions (Global economy and development working paper 133). Brookings. <https://www.brookings.edu/research/girls-education-in-climate-strategies/>
- 5 World Vision International. (2020). COVID-19 aftershocks: Access denied. Teenage pregnancy threatens to block a million girls across sub-Saharan Africa from returning to school. https://www.wvi.org/sites/default/files/2020-08/Covid19%20Aftershocks_Access%20Denied_small.pdf
- 6 Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência (INEE). (2021). Mind the gap: The state of girls' education in crisis and conflict. New York, NY. <<https://inee.org/resources/mind-gap- state-girls-education-crisis-and-conflict>>, page 37
- 7 UNESCO, Global Education Monitoring Report, Policy Paper 35. April 2018, ED/GEM/MRT/2018/PP/35/Rev1, <<https://www.ungei.org/sites/default/files/Achieving-gender-equality-in-education-dont-forget-the-boys-2018-eng.pdf>>
- 8 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 9 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 10 UNFPA and UNICEF, "Leaving No One Behind: Technical Note Of The Global Programme To End Child Marriage," UNFPA, UNICEF, October 2020.
- 11 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 12 One Campaign, "Poverty is Sexist: Why educating every girl is good for everyone," The One Campaign, London, 2017, <<https://www.one.org/international/policy/poverty-is-sexist-why-educating-every-girl-is-good-for-everyone/>>
- 13 McKinsey Global Institute, "The Power of Parity: How Advancing Women's Equality can add \$12 Trillion To Global Growth," September 2015, <https://www.mckinsey.com/~/media/mckinsey/featured%20insights/employment%20and%20growth/how%20advancing%20womens%20equality%20can%20add%2012%20trillion%20to%20global%20growth/mgi%20power%20of%20parity_full%20report_september%202015.pdf>
- 14 Youth consultation on Gender Transformative Education, 23 August 2021
- 15 Youth consultation on Gender Transformative Education, 23 August 2021
- 16 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 17 Youth consultation on Gender Transformative Education, 23 August 2021
- 18 Youth consultation on Gender Transformative Education, 23 August 2021
- 19 Youth consultation on Gender Transformative Education, 24 August 2021
- 20 <https://www.unfpa.org/resources/frequently-asked-questions-about-gender-equality>
- 21 <https://www.unfpa.org/resources/frequently-asked-questions-about-gender-equality>
- 22 Plan International, "Strengthening our work on sexual orientation and gender identity," Programme Guidance, Version 1.0, February 2017
- 23 Plan International, Glossary of gender inclusion terminology and definitions,
- 24 Plan International (2016) Gender Transformative Advocacy. In *Girls Champions of Change: Curriculum for Gender Equality and Girls Rights*. Woking, UK: Plan International.



TRANSFORM EDUCATION
hosted by UNGEI

UNGEI | UNITED NATIONS
GIRLS' EDUCATION
INITIATIVE

unicef 
for every child

Publicado pela Divisão de Programas da
Seção de Educação da UNICEF.

3 United Nations Plaza New York, NY 10017

www.unicef.org/education

© Fundo das Nações Unidas para a Infância
(UNICEF) Novembro 2021